

**QUATRO CASOS DE SUCESSO NA PERIFERIA DA CIDADE DE PELOTAS-RS,
BRASIL: UM ESTUDO COM ALUNOS DO CURSO DE
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

Nádia Regina Barcelos Martins*

Maria de Fátima Duarte Martins**

Resumo: Este trabalho tem por objetivo descrever a trajetória de quatro ex-alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti, desde o ensino fundamental até à chegada na graduação, mais especificadamente, na Licenciatura Plena em Matemática. Estes discentes são moradores da periferia de Pelotas-RS, do bairro Getúlio Vargas e estudaram na escola mencionada, da quinta à oitava série. Convém salientar que este bairro é considerado um dos mais violentos da cidade, onde residem muitas famílias de baixa renda e que dependem do auxílio de bolsas do governo Federal que ajudam no sustento de suas casas. Serão mostrados dados desta localidade, da escola de ensino fundamental, do ensino médio/técnico, da contribuição da família destes jovens para sua formação e da sua chegada à UFPEL (Universidade Federal de Pelotas).

Palavras-chave: Violência. Sucesso escolar. Matemática. Periferia.

Introdução

No dia 29 de dezembro de 2004, foi fundada, no bairro Getúlio Vargas da cidade de Pelotas-RS, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti. A construção da escola foi o resultado de movimentos sociais do bairro que exigiram a construção de um novo espaço escolar, pois a única escola que existia no bairro – Escola Municipal Getúlio Vargas – não contemplava as necessidades locais. A escola Mário Meneghetti recebeu inicialmente o nome de “Getúlio Novo”. É nesse local e nesse bairro que o estudo que aqui apresento está sendo desenvolvido.

* Mestranda no Programa de Pós- Graduação no Ensino de Ciências e Matemática - FAE-UFPEL. E-mail: nadiabarcelosmartins@yahoo.com.br

** Professora da Universidade Federal de Pelotas e orientadora do artigo. E- mail: duartemartinsneia@gmail.com

Esse trabalho tem como objetivo relatar a trajetória de quatro alunos da escola e moradores do bairro que hoje são acadêmicos do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas.

Furtos, assassinatos, prisões, tráfico, tiroteios e mortes de alunos ou de seus familiares fazem parte do cotidiano do bairro transformando-o em um dos “lugares mais perigosos da cidade”. Nossa realidade reflete-se na escrita de Abramovay (2005, p.276), quando esta menciona que “como se percebe, as características econômicas e sociais do bairro e da comunidade, ao lado dos episódios concretos de violência, são fatores que alimentam medo, comprometendo o clima escolar”. Isto implica na grande negação, por parte dos professores de trabalhar neste educandário. Quando novos profissionais são chamados em concurso ou contrato e sabem da localização desta instituição de ensino, acabam desistindo do serviço com receio de afetarem sua segurança. Além disso, há uma rotatividade maior dos profissionais da educação nestes bairros de risco, o que acaba por comprometer a qualidade do ensino.

De acordo a pesquisadora Abramovay (2005, p.275) os “diretores dizem que quando a comunidade é *violenta*, isso influi no comportamento dos alunos, trazendo para dentro da escola a lei do mais forte, aquela que predomina na rua.” Em outras palavras, o discente reflete dentro de seu educandário o que é na rua. Se por acaso for o “braço direito” do chefe do tráfico, será temido, respeitado pelos demais colegas; podendo apenas encontrar quem o desafie, se houver algum estudante que pertença a um grupo rival do mesmo.

Em uma reportagem no jornal de maior tiragem da cidade, dois jornalistas, Halpern e Piegas (2013, p.2-3), relataram que houve cinco assassinatos no bairro Getúlio Vargas, em aproximadamente oito meses, o que representa um dos maiores índices se comparado com os crimes ocorridos em outras localidades. Desses óbitos, três casos são familiares de nossos alunos. A maioria dos crimes ocorre em decorrência do uso do crack ou similares. São dívidas pagas com a própria vida. Nos dados citados não estão inseridos os furtos, vendas de drogas e pessoas que tiveram envolvimento em brigas de gangues. Apenas foram relatados os homicídios ocorridos no bairro.

Embora os dados acima citados apontem para uma realidade dura, percebe-se que a escola, no interior desse espaço considerado violento, proporcionou oportunidades de estudo e de socialização para muitas pessoas dessa comunidade. Para Charlot (2005) existem escolas violentas em bairros calmos e escolas calmas em bairros violentos, para o autor não há estigmas. Essa frase permite-nos pensar a Escola Mário Meneghetti como uma escola calma em um bairro violento.

Há três anos aconteceu uma briga do tráfico muito grande entre os bairros Getúlio Vargas e Dunas. Registraram-se várias invasões, em ambos os locais, porém ninguém aproximou-se da escola. Sabíamos dos acontecimentos pelas conversas com a própria comunidade, com os agentes da Guarda Municipal que repassavam o que tinha ocorrido. Carros foram queimados, as pessoas tinham de respeitar o “toque de recolher” e às vinte horas estar em suas casas, porém, nenhuma pessoa fez mal à escola. Os moradores do bairro falavam que ali não fariam mal, pois traficante não quer filho e familiar seu envolvido no crime. Outras situações de tráfico também já circundaram nossa escola, mas até o presente momento estivemos livres de invasões.

Percebe-se que algumas pessoas que compõem o grupo dos traficantes, são alunos que passaram por nossa escola e acabaram desistindo dos estudos para ganhar dinheiro de forma rápida e fácil. Mas a durabilidade de seus sonhos é muito curta, eles morrem muito cedo ou acabam residindo nos presídios. Segundo Abramovay (2002) “a exclusão dos jovens, em particular das classes de trabalhadores e de setores populares, leva também ao desencanto em relação ao valor da escolaridade” (2002, p. 34), este seria outro fator que também contribui para a desistência dos estudos.

Observa-se que no primeiro ano de funcionamento da escola, havia ao redor da mesma, alguns pontos de drogas e lugares de prostituição. Já no segundo ano, esse número foi diminuindo e dando lugar a moradores que viam na escola uma possibilidade de realizar sonhos de seus filhos, pais comprometidos com a educação e preocupados com o futuro de seus pequenos.

Mobilizada por essas pessoas, que acreditam que a escola é um espaço de aprendizagem e, que embora permeado pela violência da sociedade e, mais proximamente do seu bairro, pode promover melhores condições de vida social e individual e ser realmente um espaço de aprendizagem, é que esse estudo está sendo realizado. Nesse local onde transitam pessoas das mais diversas identidades é que procurei nos meus ex-alunos da escola, aqueles que optaram por seguir a minha profissão, tecer junto a eles um texto sobre suas trajetórias desde o Ensino Fundamental até o Curso de Licenciatura em Matemática.

Quatro jovens, dois do sexo masculino e duas do sexo feminino são os quatro ex-alunos que circulam pelos mesmos corredores do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas, caminhos que em alguns anos atrás já percorri. É a história de sucesso destes quatro discentes que almejo retratar em minha pesquisa.

Esse estudo foi aprovado na seleção de Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, e está em sua fase intermediária.

1 Desenvolvimento

Para realizar esse estudo primeiramente pretendo entrevistar pessoas do bairro que participaram da construção da Associação dos Moradores do Bairro Getúlio, e a antiga e atual diretora do “Menega”¹, salientando que a escola possuiu somente três diretoras. Serão realizadas entrevistas, através da história oral, com a finalidade de conhecer a história do bairro e a da escola; será solicitado que relatem as características do bairro e a construção da escola. Pretende-se com esses dados demonstrar a importância da escola e sua contribuição para a comunidade. Assim como Thompson acredito que

uma entrevista não é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias (THOMPSON, 1992, p.271).

Com meus quatro ex-alunos da escola, hoje estudantes do curso de Licenciatura Plena em Matemática, da UFPEL, pretendo coletar informações de suas trajetórias desde a 5ª série até os dias atuais com o intuito de conhecer a partir de suas falas como experimentaram esse tempo em que foram atrás de um sonho, suas expectativas, medos, anseios etc. Para essa finalidade será realizada uma entrevista semi-estruturada, que será gravada e posteriormente decodificada e analisada. Considera-se esses alunos como referência em sucesso escolar, pois o índice de alunos dessa escola que chegam a Universidade é de 1,7% aproximadamente.

O conceito de sucesso escolar será problematizado nesse estudo. Há incertezas relacionadas à definição do conceito de fracasso escolar. Alguns autores remetem-se ao fato dos alunos reprovarem na escola, outros relacionam à falta de estrutura familiar, bem como a inexistência de capital cultural oriundo das mesmas. Ainda tem quem defenda que as condições sociais e discriminatórias em que vivem jovens e crianças é o principal fator que os faça evadir das escolas ou terem baixos índices de aproveitamento.

Charlot (2005) menciona que “nunca os sociólogos mostraram, nem disseram, nem pensaram que a família é a *causa* do fracasso escolar. Muitos docentes estão pensando que essa ciência mostrou que a família é a causa do fracasso escolar”. Dessa forma afirma que “a posição que uma criança ocupa na sociedade ou, mais exatamente, a posição que seus pais ocupam não determina diretamente seu sucesso ou fracasso escolar” (CHARLOT, 2005, p. 49).

¹ Menega é a maneira carinhosa como nós, professores, nos referimos à Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti.

Lahire (1997) relata que “a descrição fina da configuração familiar da criança permite realmente ver que o “fracasso escolar” de uma criança não está necessariamente associado à “omissão dos pais”, mas, neste caso preciso, a uma distância grande demais em relação às formas escolares de aprendizagem e de cultura” (LAHIRE, 1997, p. 87). Além disso, menciona que

“nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma “omissão” ou uma “negligência dos pais”. Quase todos os que investigamos. Qualquer que seja a situação escolar da criança tem o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair- se melhor do que eles (...) almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal- remunerado, mais valorizador que o deles (...) tais fatos provam que os pais não são indiferentes aos comportamentos e aos desempenhos escolares” (LAHIRE, 1997, p. 334).

Esta pesquisa utilizará fontes orais e fontes escritas. Baseada no pensamento de Pollack (1992) considero que ambas são compatíveis, sendo necessário que sejam analisadas criticamente, o que é tarefa do pesquisador. Para o autor

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita (POLLACK, 1992, p.208).

Para complementar os dados sobre o bairro e a escola, se utilizará de jornais locais e de documentos da escola. As notícias locais veiculadas na mídia escrita que tratam do bairro Getúlio Vargas e da escola servirão para complementar dados coletados nas entrevistas orais realizadas com membros da comunidade. Também serão documentos de estudo o Projeto Pedagógico, o Regimento Escolar e fotografias do acervo escolar. O uso deste material terá como uma de suas finalidades comprovar o comprometimento do educandário com a comunidade.

2 Resultados

O estudo está em andamento e nesse artigo apresentam-se alguns resultados iniciais. Foi realizada uma entrevista piloto, com o objetivo de avaliar a consistência das perguntas, assim como o tempo necessário para aplicá-las. A entrevista será organizada em cinco eixos: o Bairro Getúlio Vargas, a Escola Mario Meneghetti, trajetória percorrida após a saída dessa

escola e passagem pelo Ensino Fundamental, a entrada na Universidade, participação da família nesse processo. Circularão pelos eixos as seguintes perguntas:

- a) Bairro Getúlio Vargas: que características do bairro consideram importantes para que estejam onde estão hoje? Como visualizam- no atualmente? Que expectativas têm futuramente sobre os adolescentes que lá residem?
- b) Escola Mário Meneghetti: qual a importância da escola na sua vida? Quais aspectos positivos/negativos a escola deu para o prosseguimento desta formação? O que consideraram mais importante, dentro da escola, para a escolha da profissão que buscam hoje?
- c) Trajetória após sair do Meneghetti: onde fizeram seu ensino médio ou técnico? Participaram de algum processo seletivo para ingressarem na modalidade de ensino que fizeram? Como foi a saída do ensino médio para a universidade? Entraram direto de uma modalidade para outra ou fizeram cursinhos auxiliares?
- d) A chegada na Licenciatura em Matemática: por que da escolha por esta licenciatura? Como foi a chegada no curso? Maiores medos? Maiores dificuldades? O que mais gostam? Que sonham pela frente?
- e) A família: de que forma a família participou deste processo escolar e universitário? Quais são as orientações para o futuro? Os responsáveis auxiliavam-nas tarefas escolares? Compravam material de apoio? De que forma contribuíam para o bom resultado na escola e na faculdade?

De acordo com um dos ex- alunos da Escola Mário Meneghetti, hoje acadêmico de Matemática, foi possível visualizar que as características de uma localidade não são fatores que contribuem para o abandono dos estudos por parte de uma pessoa. Segundo B.B.

“inicialmente eu não penso que um bairro tenha características pra que uma pessoa chegue onde queira. Acredito eu, que uma pessoa que está na faculdade, por exemplo, é pelo esforço dela. Então o bairro, pode ser... qualquer bairro, pode ser violento, pode ser um bairro calmo, isso não vai influenciar de modo que vá impedir uma pessoa de fazer o que ela queira. Uma pessoa vai chegar onde ela quer por mérito dela, não por causa do bairro. O bairro nem influencia muito nisso. Então, eu acho que, não existe característica de um local que propicie de uma pessoa chegar onde ela queira”.

Além disso, ao comparar o bairro atualmente com a época em que fazia o ensino fundamental, ele ressalta que “em questão de violência ou coisa assim, eu acho que diminuiu muito a violência que tinha. Quando eu entrei para o ensino fundamental (...) eu via muito tiroteio e coisa assim e hoje em dia eu já não vejo tanto e acredito que a opinião que as pessoas têm

sobre esse local não é mais válida. É só fama... Agora eu acredito que é um dos melhores locais para se viver em Pelotas, na minha opinião. E é isso não tem muito a ver”.

Quando questionado sobre a expectativa futura que tinha em relação aos alunos que estão cursando o ensino fundamental hoje, ele mencionou que “isso depende de cada pessoa e como eu disse o local não influencia no que a pessoa vai ser. A pessoa pode morar aqui e se tornar um grande cientista, digamos assim ou ela pode morar no centro da cidade e ser um criminoso. O local não influencia nisso”.

Quanto à importância da Escola Mário Meneghetti em sua vida, o aluno foi sucinto ao citar que

“a base que a escola me deu foi muito forte, tanto que no ensino médio tinha muita coisa que eu sabia que os professores tiveram que explicar para os outros colegas por causa que eles não sabiam, principalmente naquela questão da matemática de trinômio quadrado perfeito e produto notável. O professor ficou meio assim... como é que vocês não sabem e eu sabia porque a escola deu uma base forte para isso. E eu nunca tive dificuldades no ensino médio devido a essa base forte que eu tive” (B.B).

Ao relatar sobre sua chegada no ensino superior, o menino salientou que

“eu tinha meu ego inflado, porque as pessoas falavam que eu era o melhor da turma. Aí eu cheguei assim num local, onde eu estou entre pessoas que provavelmente estão no mesmo nível que eu. Então eu já não vou me destacar tanto assim. Bom, de início eu percebi que as coisas não são bem assim. Depois em relação ao que mais me assustou foi assim... as pessoas falando não sei o quê, cálculo é difícil é isso, é aquilo... Quando cheguei lá vi que não era tanto quanto as pessoas dizem, elas mais apavoram. Talvez por que não estudaram suficiente ou uma coisa assim” (B.B).

Sobre a contribuição de sua família para a continuidade em seus estudos, no ensino superior, o aluno mencionou que

“bom... inicialmente quando falavam assim, perguntavam o que tu vais fazer quando terminar o ensino médio... eu respondia direto: vou fazer faculdade. Aí eles não, mas faculdade é pra gente rica, faculdade tu não vai conseguir fazer. E eu, mas como não? Vou sim. Não, mas tu não vai conseguir fazer, não vai fazer... Aí foi que essa ação negativa deles teve um resultado positivo em mim. Eu tive que mostrar para eles mesmos e para mim mesmo que eu vou conseguir... Aí eu acho que até no período de matrícula na faculdade, ainda minha mãe falava que tu tens que fazer outras coisas. Tu fazes isso aí depois. E eu não... vou fazer faculdade. Só depois que eu tive lá dentro que eles começaram a apoiar bastante mesmo. Tanto que eles perguntam como está sendo, dão incentivo que continue lá dentro. Fornecer, por exemplo, o lanche pra eu comer lá. Prá não passar fome lá dentro, por que é impossível, eu não tendo lanche. Então começaram a apoiar mais e assim que aconteceu” (B.B).

Conclusão

Enquanto docente, sempre procurei incentivar minhas turmas para que prosseguissem seus estudos. Tentei fazer tudo que pude para motivá-los a continuar, pois somente o conhecimento pode remeter-nos a novos horizontes. Participamos de muitas Olimpíadas de Matemática, diversos passeios fizemos (dentro e fora da cidade) para que os discentes tivessem a oportunidade de conhecer novos lugares, cidades e percebessem que há muito a ser descoberto ainda. Só depende de nós chegarmos lá. Concordo com Abramovay quando fala que

A valorização e o incentivo para que os alunos insistam em continuar estudando, ter algum projeto de mobilidade, contribuem para elevar a autoestima do indivíduo, favorecendo assim a melhoria das relações sociais na escola. As expectativas positivas sobre os alunos podem colaborar para a mudança das relações, tornando-as mais amistosas e tendo impactos significativos no processo de ensino-aprendizagem (ABRAMOVAY, 2005, p.98).

É necessário auxiliar os discentes nas oportunidades que surgirão em seus caminhos. E, se por acaso estas não aparecerem, é papel dos (as) professores (as) oferecer aos alunos informações que os levem até elas. Muitos pais e os próprios estudantes veem na escola a abertura de portas para melhorarem sua condição financeira e como possibilidade de escolher uma profissão, seja através da continuidade dos estudos ou na inserção no mercado de trabalho. Concordo com Madruga (2005) ao afirmar que “apesar da precariedade e descomprometimento dos órgãos públicos com a permanência e sucesso escolar das crianças oriundas das classes populares, a escola continua representando, para elas e suas famílias, um modo de ascensão social e cultural” (MADRUGA, 2005, p. 115).

Na esteira dessa afirmação, Benati ressalta que:

De modo geral, a sociedade espera que a escola cumpra o papel de qualificar os alunos para o mercado de trabalho e, com escolaridade, garantam emprego e um melhor nível social (...) nas camadas sociais mais pobres que veem na escola o único caminho para uma ascensão social. O sucesso nos estudos seria a grande oportunidade oferecida a todos para eliminar muitas desigualdades sociais (BENATI, 2005, p.126).

Logo, a escola é considerada pela comunidade da periferia como uma maneira, como uma possibilidade de melhorar sua vida econômica e social. Cabe ao professor, fazer uso de seu conhecimento e através deste incentivar, motivar, desafiar seus alunos em busca de

aprendizagens que desenvolvam seu interesse por continuar os estudos e identificar-se com uma profissão pela qual lutarão para chegar lá.

De acordo com os dados inicialmente analisados pode-se inferir que é provável que os familiares e os professores destes quatro estudantes foram elementos fundamentais para que os mesmos chegassem à Universidade. Conforme B.B, a escola foi à responsável por uma base forte que o incentivasse a ter sucesso no ensino médio, e, conseqüentemente, no ensino superior. De certa forma, a falta de credibilidade que seus familiares depositaram em seu futuro educacional, foram uma espécie de desafio que o impulsionaram a atingir o grau superior que cursa atualmente.

Esse estudo pretende dar voz a essa comunidade e a esses quatro ex-alunos para conhecer suas experiências, no sentido daquilo que os constituiu ex-alunos da escola Menegheti e hoje alunos do Curso de Licenciatura em Matemática. O bairro, a família e escola foram fundamentais para dar corpo e alma para este trabalho.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam (coord). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

BENATI, Magda Raquel Glienke. **Sucesso escolar na zona escolar: as razões do improvável**. Revista Alfabetização e Letramento. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, 2005. 342 p.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HALPERN, Bruno, PIEGAS, Cíntia. **Como reduzir a violência?**. Diário Popular, Pelotas, 23 dez. 2013. Criminalidade, p. 2-3.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

MADRUGA, Janaína da Rosa. Trajetórias de sucesso na escola pública: o caso de duas meninas. **Revista Alfabetização e Letramento**. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, 2005. 342 p.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, vol.5, nº 10, 1992, p. 200 – 212.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.